

(Des)Envelope: o cotidiano em uma troca mínima

Davi Assunção dos Santos*
Milena Nascimento de Souza**
Moises Oliveira Alves***

RESUMO

A escrita deste artigo é uma proposta de alargar, ainda mais, uma produção de arte, que surge, justamente, neste cenário de Pandemia da Covid-19, em que os artistas-pensadores, geograficamente distantes, trocam cartas poéticas-virtuais, usando do acontecimento presente para a feitura de um livro-objeto: *envelope-de-artista*; obra esta que transita por espaços virtuais-físicos-etc, que vaza para outros modos do fazer artístico (audiovisual, sonoro, imagético, plástico). É a partir destas zonas de contágio que o envelope convoca os artistas a pensá-lo também como uma produção experimental do contemporâneo, isto é, que instaura uma perspectiva expandida de arte, teoria e crítica literária. Deste modo, este corpo-texto se une a pensadores que erguem processos fundamentais sobre arte e vida. Ao entrar em contato com a escrita de Roberto Corrêa dos Santos (2015), aliam-se a ele a fim de propor uma escrita que permeia os conceitos de *Clínica e Experimentação*: fazer da escrita, campo de movências, produção de saúde; fazer da vida, obra, realidade e ficção. Ao longo destes desdobramentos, surgem outros conceitos, igualmente artísticos-experimentais, como o de *rede e vagar*, pensado por Deligny (2015); de *sensação*, por José Gil (2020); além de atravessamentos do pensamento deleuziano e agambeniano, que por suas respectivas forças teóricas, acabam por contaminar esta escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Envelope-de-artista; Arte e vida; Clínica e experimentação; Produção de saúde; Contemporâneo

INTRODUÇÃO

Nós vamos falar com a vida, em sua dobra orgânica, suas composições e movências: Casa. Corpo. Pele. Móvel. Espaço estreito. Visgos do cotidiano. Linhas geográficas. Para pensar sua relação estético-política no contexto contemporâneo, frente a este cenário de produção de pouca vida. Aqui, os artistas se colocam na mesa para bolar trocas e permanecer em seu estado intensivo de produção. Pôr em jogo uma possibilidade de troca mínima, os cruzamentos entre arte-vida, uma maneira de habitar o sensível, de

* Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas – UNIJORGE

** Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas – UNIJORGE

*** Doutor e Mestre em LITERATURA E CULTURA pela UFBA, Licenciado em pela UFBA.

ser afetado por objetos. Objetos que compõem as fisicalidades da casa. Lugar de habitação improvisada, de movimentos ordinários. Uma realidade mais autêntica. Tão anônima quanto singular. Propostas no campo dos contágios. Onde a força do outro se mostra. Nos gestos não classificáveis, não nomeáveis. Afetar e ser afetado. Alguma coisa precisa acontecer parado. Levar ao limite o que pode um corpo em isolamento. Fazer deste estado um lugar para possibilidades de contato com materialidades não suficientemente audíveis. Palpáveis. Corpóreas. Objetos que compõe o espaço-casa. A afirmação das potências que delas escapam. “É como se dissesse: sou cada coisa, cada vez que a olho. Em outras palavras: isto é isto (embora a identidade de cada coisa só se sugere no fato de ela não ser toda as outras)” (GIL, 2020, p. 14). No meio do menor, ver o que pode o menor. A força que passa, atravessa, consciente e inconscientemente, o corpo. No mínimo da casa. Esse território de múltiplos retornos. Que vai deixando visgos em partes do corpo que ainda não atingiram o máximo do seu uso ou que ainda estão em estado de dormência. Em todo caso, cabe ao artista contemporâneo propor outros agenciamentos, criar procedimentos que afirmem a potência do viver, fazer do cotidiano um espaço de trocas intensivas, lugar de passagens, ter com a casa uma relação mais estendida, isto é, como fazer da relação do café da noite uma relação estética? Eis uma lógica inventiva para a existência. Uma proposta criadora: O que o sujeito faz com a vida? Campo de criação estético-artística.

O cotidiano

Assumir aquilo que se apresenta sob aspectos variados. Perambular em meio aos espectros do comum. A afirmação do cotidiano em sua multiplicidade. “Não é, no entanto, a multiplicidade dos instantes que nele prevalece, mas a ‘unidade da singularidade’, isto é, a possibilidade de cada instante reverberar tudo” (GIL, 2020, p. 15). Experimentamos as menores sensações do cotidiano e suas inúmeras habitações, a fim de criar dispositivos de mergulho, salto, queda como estratégias de preservar a vida, em sua capacidade de sentir, pensar e perceber o cotidiano como zona, usina de contágios entre casas, becos, calçadas, praças, mercados, transporte público. Fazer deste grande maquinário uma possibilidade de criação estético-política do contemporâneo. O artista que passeia deixa-se atravessar por esta geografia, experimentando outros modos de ser afetado, via passagens, movências, intervalos, esperas, tropeços, breques, paradas, trocas,

tombamentos. Tudo que de algum modo possa sacudir o corpo, neste espaço de trânsito intensivo. Onde os limites da casa se expandem. Ou ainda, a própria casa como um dispositivo acelerador dos mecanismos de produção – de palavras, afetos, poemas, odes, performances, sensações - a casa como o próprio laboratório-ateliê poético. O artista como um agente que converte sensações em matéria escrita-imagética-sonora-audiovisual (aquilo que é palpável, mordível, que arranha, corta, que leva a comida à boca) isto é, obra. “Nada é para nós – seja a realidade externa ou interna, percepções, sentimentos, pensamentos – se não sensações” (GIL, 2020, p. 13). A força que o objeto tem de movimentar o corpo, nesta relação de contato mais estreito com a casa. Este espaço do comum e banal que se oferece como matéria-prima para desdobramentos: zona de encruzilhadas. Não há banalidade no banal.

Por em acontecimentos as mínimas partes que compõem a arquitetura da casa. Expandir o que consideramos como necessidades biológicas: o ato de abrir e fechar o box, armários, torneiras, portas, tampas. Arrancar destes movimentos um gesto que dá margem a produções artísticas, a partir desta relação estética com objetos e composições menores que também habitam a casa, além de nós. Experimentar “[...] as menores sensações de um cotidiano sem relevo, em camada em camada reverberantes, a instantâneos vislumbres de algo que se poderia dizer: *nisto* (neste quase nada), tudo” (GIL, 2020, p. 14). A experimentação de uma linguagem poética que põe em prática relações mais possíveis com a casa. Como tornar o ato de tomar banho, vestir-se, cortar a carne, derramar o café, lavar a mão, pentear o cabelo, usina de produção e construção poética. Transformar a própria sensibilidade até que possa sentir tudo artisticamente, ao ponto que esse sentir seja radicalmente artístico.

Contato mínimo

O que consideramos ser o nível mais elevado na relação com o outro. Gestos que nos colocam neste estar com. O modo como uma conversa mínima agencia um certo campo sensorial, sismográfico. Ao invés da cri-atividade, a cri-ação, isto é, uma lógica inventiva - invenção. Não é pensar a diferença, é o traço mínimo.

- Como criar um traço diferencial?
- Relação criadora com a existência.

Usar a palavra como quem cata as letras com a ponta dos dedos. E ainda assim improvisa um modo de dizer. Pondo a palavra em risco, e arriscando-se com ela. Na pergunta, a pior das violências. No entanto, burlar a precisão das obviedades. A escrita como um modo de devolver. Inventar-se um termo entre uma conversa e outra, produz-se uma sutileza de interpretação. Para cada silêncio, uma saída possível. Um contato mínimo comprometido em flagrar, capturar acontecimentos poéticos a partir de elementos e espaços complementares, ou seja, o acaso como aparelho de resposta. Aliar-se ao acaso. Forças que atravessam os corpos. Não fomos educados para ler as curvas, então, faz-se esse movimento de jogar com o invisível - imprevisível. Isto que todo mundo vê e que não é visto. Garimpar a força de efeito que a coisa tem sobre o nosso corpo – parte singular, parte de uma maquinaria própria. Substituir sentido pelo efeito no corpo, pele. A negação da lógica do diálogo, em nome da intensidade poética. Outro modo de criar. Passa-se a entender, a incorporar as heranças. O pronome possessivo cai por terra – rasgar o eu, este que agasalha – *dessubjetivação*. Repetimos: isto é isto. Processos de magnetização: estamos em meio a uma conversa, a xícara quebra. A quebra entra no poema. A xícara quebrada entra. O poema e conversa e troca mínima toma outros rumos. Uma lógica dos desvios. Eis os artistas desviantes. Aqueles que se deixam atravessar por forças de outros reinos que atrapalham. Uma interrupção para outros movimentos. Provocação. Não paralisa. Reorganização. Um acontecimento que vem para reorganizar o que estava de um modo organizado. É um convidado que chega, é o jantar na mesa, é a goteira, é a falha na internet, é o vírus. Somos tomados de assaltos. Tendemos a estes encontros. “existe uma espécie de cumplicidade necessária entre esses trajetos do vagar e o encontro do acaso” (DELIGNY, 2015, p. 19-20). Em uma troca mínima, qualquer canto que o corpo aponte é caminho. Tudo é possibilidade de movimento. Tomar, portanto, essa dupla captura como procedimento de uma viagem a vagar, de uma escrita por devaneios. Por fim, fazer tremer a técnica inicial: o artista da experimentação é esse artesão que faz a técnica variar. Esgotar. Descamar.

Estar em experimentação de arte

Lançamos o corpo aqui / Nesta rede do contemporâneo / Coabitamos o espaço-casa / Junto a outras geografias – mapas – terrenos – calçadas: corpo. / Acionamos

dispositivos físico-químicos, outras marcas linguísticas. / Revelamos condutas criadoras mais comuns / Ampliar. Misturar. Aproximar. / Não existe lugar mais estranho para o sujeito do que a casa. / Ter com ela uma relação de espanto. / Mover-se para entrar em contágio / Um gesto qualquer - ponto irradiante – engendramentos. / A cada encontro / o corpo desdobrado - desdobrando / O artista em experimentação. / Tornando-se outro e outro e outros / Trabalhar coletivamente, em bando. / Fazer proliferar o prefixo *co*. / A afirmação deste estar em rede / A casa e todos os seus tentáculos. / Teias. / Ligas. / Ramificações. / Co-laboram / Desejam as tais transformações. / “Todo organismo tende a afirmar a única pulsão existente, a de vida. Nesse horizonte, as forças movem-se em direção à vida – vida quer vida” (SANTOS, 2003, p. 171) // Desviar e alçar gozo alto, para e com a ética do desejo. / Relações mais eróticas. / O modo como alguns corpos sentam a mesa. / Bebem o café. / O desejo vem. / À medida que acolhemos este outro relacionamento com / O desejo vem. / De ambos / Duplo assalto / Dupla procura, conta Deligny: / “é como a história do recanto de parede e da aranha que acabam de se encontrar; se de fato a aranha o procurou, pode-se dizer que o recanto de parede a aguardava” (DELIGNY, 2015, p. 18). / Aproximações / ir até as partes / maçanetas / degraus / tapetes / com partes / nossas / veja o choque entre / reinos distintos / corpo- espaço casa- espaço objeto- espaço / invadir / meter a mão / devolver / desfazer-se de - continuidade e unidade / para - intensidade / ponto de extrapolação / “quebra na rotina da percepção” (SANTOS, 2012, p. 36) / em contato, registrar uma espécie de / giro / passo / queda / partilha sensível de um terreno formado por contágios / a cena que volta: / “De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo.”¹ / No quarto – a janela nos joga para fora. / Jogar com a casa / com o que se manifesta na potência de um corpo-objeto / ocupar diferidamente o entorno / nossas ladeiras / pistas de asfalto: paralelepípedos-buracos / colocar em prática o vocabulário fervente / aquilo que partilha: troca-alarga / alargamentos contemporâneos / fervuras co- / afetivas / um desterritório / ocupações neutras / desmarcar horizontalismos / entregar-se ao que quer de nós: amizade / e dela propor campos inventivos / fora de esquadros / ordem do inusitado / pinga-cata-cicatrizante entrega-se / arquivos de / casa-memória / glossário de expe/ri-mentação / vontade de / estar com aquilo que é vida / da existência vária / uma percepção dos pares é: tornar o

¹ Trecho do conto “O ovo e a galinha”, de Clarice Lispector, in: Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 303-313.

latente, manifesto (coisas.matérias.artefatos.restos.atos.gerúndios) / produzir uma liga / a força que os une / o hífen / diz Agamben (2000, p. 171): / “o mais dialético dos sinais de pontuação, porque une só na medida em que distingue e vice-versa” / , o e / no que continua o filósofo: “o e ‘põe a língua nos’ eixos, introduz nela agenciamentos e balbúcio” / revelias / surpresas / propor aos “achados” uma forma própria / até que / a coisa / no máximo de sua frequência / estale.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **A imanência absoluta**. In: ALLIEZ, E. (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: 34 Letras, 2000.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: 1 edições, 2015.

GIL, José. **Fernando Pessoa, ou a metafísica das sensações**. traduzido por Miguel Serras Pereira, Ana Luisa Faria. n-1 edições, 2020.

SANTOS, Roberto Corrêa dos . **Clarice, ela..** 1. ed. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2012.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Cérebro-Occidente/Cérebro Brasil: arte/escrita/vida/pensamento/clínica/tratos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Circuito, 2015.

SANTOS, Roberto Corrêa. “Sequer inferno, o outro”. in: **Literatura e Cultura**. Organização Heidrun Krieger Olinto e Karl Erik Scholhammer. São Paulo: Edições Loyola/PUC-Rio, 2003.